

Sítios Históricos e Centros Urbanos

JEANINE MAFRA MIGLIORINI

(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Sítios Históricos e Centros Urbanos

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S623	Sítios históricos e centros urbanos [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-85107-38-3 DOI 10.22533/at.ed.383182609 1. Arquitetura – Conservação e restauração. 2. Patrimônio cultural – Proteção. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Título. CDD 720.288
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Patrimônio pode ser entendido como algo de valor, que merece cuidado e exige atenção para que se mantenha. Esta definição deve ser aplicável ao patrimônio econômico e ao cultural. Então por que é tão difícil a compreensão da necessidade do cuidado com o patrimônio cultural? O patrimônio cultural possui um valor intangível, e por isso é tão difícil mensurar sua importância. É necessário fazer perceber que valorizar o patrimônio cultural é respeitar nosso ser social, no contexto e entorno.

Entretanto a discussão sobre o patrimônio é abrangente e delicada, uma vez que muitas vezes interfere em bens particulares, que possuem valor para a sociedade, essa é uma das grandes polêmicas que envolvem este assunto. Isto nos leva a mais um questionamento: o que deve ser preservado? Esta é uma resposta que cabe aos especialistas, que analisam um contexto, deixando de lado interesses pessoais, uma vez que deve prevalecer o interesse comunitário. Estes pareceres são técnicos, e não poderiam ser alterados por poderes políticos: eis aqui mais uma questão delicada referente ao patrimônio.

Em meio à tantas contendas devemos refletir sobre a necessidade de interferência do poder público, para a conservação de nossa história, de nossos bens materiais e imateriais, culturais e naturais. Não deveria ser intrínseco ao ser humano a necessidade de cultivar nossa história, nossos bens comuns? Lanço mais um questionamento: o poder público, responsável pela árdua tarefa de classificar, atender, vigiar e punir, se necessário, o descaso com nosso patrimônio, realmente está cumprindo seu papel? Ainda: tem interesse em cumprir esse papel?

A cultura é inerente ao ser humano, e sua importância deveria ser inquestionável, mas o que vemos atualmente é um grande descaso, gerando graves consequências para cada um de nós e para todos nós. Estes são alguns dos pontos que justificam a necessidade crescente de discutir, estudar, analisar e cuidar dos nossos tão preciosos patrimônios. Como isso é possível? Enumero algumas ações possíveis discutidas neste livro.

Incentivar a restauração de bens em estado de degradação, esta feita por profissionais qualificados, que podem conduzir o processo com competência e qualidade, e para isso existem leis, uma vez conhecidas podem ser cobradas por todos. Por isso o conhecimento sobre o patrimônio, sobre sua importância é tão fundamental.

Outra ação possível, que vai ao encontro desta, é a criação de rotas patrimoniais, para que chegue até o público o conhecimento, a vivência, a experiência. As temáticas para desenvolver este trabalho são vastas, basta interesse. O que nos leva à mais uma ação: a gestão patrimonial, quer seja pública ou privada. Deve ser exercida para uma manutenção apropriada dos bens. Para que isso ocorra é necessário que se criem ou se exerçam políticas patrimoniais. Através delas pode, ou não, ser incentivado o cuidado, a valorização e até mesmo a percepção acerca do patrimônio, por parte da população.

Em meio a tudo isso o tema que acredito ser a base para que todo este cenário ocorra: a educação patrimonial, que dá subsídios para que as outras ações ocorram, é o conhecimento que permite a apropriação, o desenvolvimento do sentimento de pertença, e conseqüente valorização do patrimônio.

É um caminho de muitas pedras, mas que deve ser iniciado com determinação, por aqueles que são os disseminadores dessas ações. Este livro é um desses passos de reconhecimento desta caminhada.

Boa leitura e engaje-se nesta luta!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO MOTIVADORA DO AUTO RECONHECIMENTO HISTÓRICO DO INDIVÍDUO SOCIAL CACERENSE	
<i>Thais Lara Pinto de Arruda</i> <i>Rafael Leandro Rodrigues dos Santos</i> <i>Veruska Pobikrowska Tardivo</i>	
CAPÍTULO 2	16
OLHARES SOBRE O BAIRRO LAGOINHA: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, IMAGENS COTIDIANO E MEMÓRIAS	
<i>Loque Arcanjo Júnior</i> <i>André Luiz Rocha Mattos Caviola</i>	
CAPÍTULO 3	28
A UFBA NA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO: UMA TRAJETÓRIA PIONEIRA NA PESQUISA E NA FORMAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL PARA A RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS.	
<i>Renata Lucena Gribel</i>	
CAPÍTULO 4	40
A CIDADE FICOU VELHA? ENTRE POLÍTICA PATRIMONIAL E A PERCEPÇÃO DE PATRIMÔNIO DOS MORADORES DO BAIRRO DA CIDADE VELHA, BELÉM, PARÁ	
<i>Sabrina Campos Costa</i> <i>Edgar Monteiro Chagas Junior</i>	
CAPÍTULO 5	52
REFLEXÕES E POSSIBILIDADES ACERCA DA GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO CONTEXTO DE UM ARRAIAL DE MINERAÇÃO DO SÉCULO XVIII	
<i>Lucas de Paula Souza Trancoso</i>	
CAPÍTULO 6	68
A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DE RISCOS PARA MUSEUS LOCALIZADOS EM ÁREAS REMOTAS	
<i>Micheli Martins Afonso</i> <i>Karen Velleda Caldas</i> <i>Juliane Conceição Primon Serres</i>	
CAPÍTULO 7	77
O IMPACTO DAS INUNDAÇÕES SOBRE ALVENARIAS HISTÓRICAS EM TIJOLO CERÂMICO: A DESTRUIÇÃO GRADATIVA DO SÍTIO HISTÓRICO DE SANTA LEOPOLDINA [ES]	
<i>Luciana da Silva Florenzano</i> <i>Renata Hermann de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	93
AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DE BIOTÉCNICAS NA PROTEÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ENCOSTAS NOS QUINTAIS DO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA	
<i>Clodomir Barros Pereira Junior</i> <i>André Cardim Aguiar</i>	

CAPÍTULO 9	109
JARDINS DE BURLER MARX: UM PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO MODERNO A SER PRESERVADO NA CIDADE DE TERESINA/PI	
<i>Emanuelle de Aragão Arrais</i> <i>Ana Virgínia Alvarenga Andrade</i> <i>Ana Cristina Claudino de Melo</i>	
CAPÍTULO 10	119
O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL BRASILEIRO: REFLEXÕES À MEMÓRIA E HISTÓRIA DO SÉCULO XX	
<i>Ronaldo André Rodrigues da Silva</i>	
CAPÍTULO 11	135
FORTIFICAÇÃO E HUMANIDADE	
<i>Marcos Antonio Gomes de Mattos de Albuquerque</i> <i>Veleda Christina Lucena de Albuquerque</i>	
CAPÍTULO 12	148
ENTRE A HISTÓRIA E O PATRIMÔNIO CULTURAL: O PAPEL DO RECONSTRUIR SIMBÓLICO DA FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO	
<i>Elis Regina Barbosa Angelo</i>	
CAPÍTULO 13	160
A ROTA PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO: PROPOSTA EM CONCEIÇÃO DA BARRA/ES	
<i>Maísa Fávero Costa</i>	
CAPÍTULO 14	173
PAISAGENS DA MEMÓRIA: INFORMAR PARA PRESERVAR	
<i>Paulo José Lisboa Nobre</i> <i>Isaías da Silva Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 15	187
A LEGITIMAÇÃO DA HISTÓRIA DA ARTE POR MEIO DA PINTURA MURAL	
<i>Larissa Gabe</i> <i>Mariela Camargo Masutti</i> <i>Maria Aparecida Santana Camargo</i>	
CAPÍTULO 16	198
A COR NAS SUPERFÍCIES ARQUITETÔNICAS PATRIMONIAIS: O CASO DA IGREJA DE N. S ^ª DA CONCEIÇÃO DOS PARDOS DE LARANJEIRAS SE/BR	
<i>Eder Donizeti da Silva</i> <i>Adriana Dantas Nogueira</i>	

CAPÍTULO 17	214
ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DO CONFORTO E FUNCIONALIDADE DAS EDIFICAÇÕES MODERNISTAS DE FORTALEZA	
<i>Rebecca Campos Leite Alencar</i>	
<i>Isabelle Mendonça de Carvalho</i>	
<i>Thaís Rebouças Vidal</i>	
<i>Amando Candeira Costa Filho</i>	
CAPÍTULO 18	225
A RECONSTRUÇÃO E SUA EVOLUÇÃO NO MEIO PATRIMONIAL: DAS RUÍNAS AO MUSEU DE VARSÓVIA	
<i>Daniel de Almeida Moratori</i>	
CAPÍTULO 19	240
REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA EM OURO PRETO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX AO INÍCIO DO XX: RECONHECIMENTO E PRESERVAÇÃO	
<i>Patrícia Thomé Junqueira Schettino</i>	
<i>Fernanda Alves de Brito Bueno</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	258

A LEGITIMAÇÃO DA HISTÓRIA DA ARTE POR MEIO DA PINTURA MURAL

Larissa Gabe

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ
Ibirubá – RS

Mariela Camargo Masutti

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ
Cruz Alta – RS

Maria Aparecida Santana Camargo

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ
Cruz Alta – RS

RESUMO: A presente pesquisa, de cunho bibliográfico e caráter qualitativo, trata das pinturas murais, gênero artístico que surgiu na pré-história, onde o homem retratava nas cavernas fatos do seu cotidiano. Mais tarde, esses grafismos foram denominados de arte rupestre. Nesse sentido, este estudo busca aprofundar conhecimentos sobre este tipo de arte que revela o modo de vida e o pensamento de nossos antecessores. A arte foi se transformando ao mesmo tempo que o homem, de modo que, em cada período, foram se descobrindo novas técnicas, e novas características foram aparecendo. É possível observar que esses grafismos murais fazem parte da história de cada civilização, elas são capazes de nos informar o modo de vida, a maneira de pensar, a organização da sociedade, dentre tantos outros fatos relevantes para o estudo da humanidade. Sua preservação

é imprescindível para tais estudos, pois os lugares onde esses grafismos se encontram são considerados lugares de memória, onde as pessoas se identificam e se apoderam desta significação, que as faz ter uma sensação de pertencimento. Deste modo, o patrimônio busca valorizar aquilo que é importante para a humanidade, àquilo que pode ser visto como uma herança histórica, algo que nos pertence, e que pode contribuir com diversas áreas de estudo relacionadas à história e às artes, no estudo do surgimento da humanidade, de quem somos e como nos desenvolvemos.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Cultura. Humanidade.

ABSTRACT: The present research, of bibliographic character and qualitative character, deals with the mural paintings, artistic genre that arose in prehistory, where the man portrayed in the caves facts of his daily life. Later, these graphics were called rock art. In this sense, this study seeks to deepen knowledge about this type of art that reveals the way of life and the thinking of our predecessors. Art was transformed at the same time as man, so that in each period, new techniques were discovered, and new characteristics were appearing. It is possible to observe that these mural drawings are part of the history of each civilization, they are able to inform us the way of life, the way

of thinking, the organization of society, among many other facts relevant to the study of humanity. Its preservation is indispensable for such studies, because the places where these graphs are found are considered places of memory, where people identify and take possession of this meaning, which makes them have a sense of belonging. In this way, heritage seeks to value what is important to humanity, what can be seen as a historical heritage, something that belongs to us, and which can contribute to several areas of study related to history and the arts, in the study of the emergence of humanity, of who we are and how we develop.

KEYWORDS: Art. Culture. Humanity.

1 | INTRODUÇÃO

Desde a pré-história o homem sentia necessidade de se comunicar, de se expressar, e o fazia através de pinturas e desenhos nas paredes das cavernas. Esse tipo de manifestação artística é chamada de muralismo e continua presente no cotidiano da sociedade. Hoje, a pintura mural é considerada como uma galeria a céu aberto, pois seu intuito é possibilitar que seja visualizada por todos, não apenas por uma parcela da população que pode entrar em museus e galerias, deselitizando, assim, as artes visuais e promovendo uma verdadeira acessibilidade à cultura. Dessa maneira, as pinturas murais também se estruturam como linguagem e expressão do desenvolvimento social e humanístico ao longo do tempo.

2 | A PINTURA MURAL AO LONGO DO TEMPO

2.1 Pré-História

Antes que fosse escrita uma única palavra, a primeira forma de comunicação que liga a sociedade atual a seus ancestrais pré-históricos é a imagem. E sobre essas imagens gravadas nas paredes das cavernas ainda se conhece muito pouco e sequer sabe-se com certeza de sua função: se ali estavam para educar ou para operar algum tipo de magia que lhe era atribuída. O fato é que elas estão ali, resistiram ao tempo e alcançaram o olhar de outros seres humanos, como certamente tencionaram seus autores. (NOBRE, 2011)

Então, há de se entender que a gravura rupestre não foi somente a primeira forma de pintura mural, mas também a primeira forma de expressão, de comunicação e de registro de memórias. As primeiras pinturas parietais de que se têm conhecimento são as encontradas nas cavernas e rochas datadas do período Paleolítico, há aproximadamente 40.000 anos a.C.. Algumas cavernas ainda possuem traços da pintura parietal, como a Lascaux, na França, a de Altamira, na Espanha, e a Chauvet, na França. Segundo Nobre (2011, p. 16), os registros mais antigos que se conhecem foram feitos em locais longe de onde os povos se fixavam e com difícil acesso. Por

isso parece que essas pinturas estavam relacionadas à crença no poder de imagem. Essa teoria é sustentada por Aguiar (2012, p. 3), ao afirmar que “os símbolos rupestres poderiam ser uma espécie de magia simpática relacionada com caça – onde o caçador primeiro captura a essência do animal cobiçado por meio de sua representação nas paredes de pedra, o que traria êxito na caçada”.

Essas pinturas geralmente consistiam em representações de animais de caças – bisões, cavalos, rinocerontes, ursos, panteras e hienas –, além de figuras humanas, rituais e cenas coletivas do cotidiano, com uma tentativa de dar movimento às imagens. Também pintavam seus desejos, anseios e esperanças.

Pode-se dizer que essas figuras se assemelham, em parte, aos desenhos infantis. O naturalismo era sua forma de representação, pois pintavam as coisas da maneira que as enxergavam, tal qual uma criança traça no papel suas primeiras impressões do mundo. Primeiramente usavam as mãos e os dedos para representações. Depois fizeram pincéis de pelos de animais e penas de aves. Utilizavam materiais disponíveis na época para desenhar, como minerais, além de sangue, ossos, carvão, argila de várias cores, ceras e resinas vegetais, até o surgimento da pigmentação e da tinta, com diferentes técnicas de pintura.

2.2 Egito

No Egito a pintura representava expressões ritualísticas e religiosas, além de desenhos da fauna, da flora, cenas cotidianas da agricultura, caça e pesca, entre outros. Possuíam regras rígidas de representação, como a Lei da Frontalidade onde apenas os olhos e o tronco do ser humano poderiam ser representados de frente, permitindo assim uma melhor visualização. Havia, ainda, uma hierarquia cuja relação era expressa no tamanho das pessoas representadas, onde o faraó era o maior, seguido da rainha, do príncipe, dos sacerdotes, dos servos e do povo, ou seja, o tamanho da figura era proporcional à sua importância.

Os antigos egípcios criaram seus murais a fim de proporcionar aos mortos a passagem da vida terrena para outra vida pós-morte, por isso, sua temática incluía a jornada para o outro mundo ou divindades protetoras que deveriam apresentá-los aos deuses do pós-morte. O que mais importava não era a beleza dos murais, e sim sua plenitude. (GOMBRICH, 2000 *apud* NOBRE, 2011, p. 18) Também foram os primeiros a utilizar a técnica da encáustica – mistura de pó em cor com cera aquecida e derretida, utilizada nos murais, considerada uma das técnicas mais resistentes às intempéries. (ATELIER VIEIRA, 2009)

Ainda utilizavam a técnica do quadriculado, já que as paredes eram compartimentadas de acordo para receber cada cena. No Novo Reino algumas regras mudaram com o rei Amenófis, onde ele e sua esposa foram retratados em cenas domésticas e não mais em solenidades somente, além de ter abolido a regra que dizia que o faraó deveria ser retratado com tamanho maior devido à sua superioridade. O

sucessor do reino continuou com este estilo por algum tempo e depois retomou as antigas crenças.

2.3 Mesopotâmia

A pintura parietal mesopotâmica, de forma geral, tinha o intuito de narrar os feitos históricos e heroicos da sua civilização nas guerras, porém cada dinastia diferia de estilo e temática. Os sumérios contavam suas histórias em linhas horizontais, onde o espectador tem que olhar a obra como um todo. Nas dinastias acádica e persa as imagens ilustravam as vitórias dos reis. Os babilônios tinham preferência por representar divindades e fatos do seu cotidiano. (NOBRE, 2011, p. 20)

2.4 Grécia

A arte tinha um caráter idealista da realidade. As imagens estavam presentes também nas tumbas e em palácios com caráter decorativo.

2.5 Etruscos

Considerada quase que exclusivamente tumular, a pintura Etrusca tinha por objetivo, assim como os egípcios, de confortar o falecido na sua jornada após a vida. Sofreu fortes influências gregas. Retratavam cenas do cotidiano, de danças, esportes, banquetes, entre outros, para transmitir ao morto a força, vitalidade e potência que as imagens possuíam.

2.6 Roma

A pintura mural romana se prestava à exaltação ao representar cenas de combate, cerimônias e desfiles triunfais. O ápice da pintura – Roma Imperial – se destinou à decoração de templos e residências, representando cenas cotidianas. Os artistas, extremamente perfeccionistas, criavam ilusões nas paredes, como janelas abertas onde se enxergavam paisagens que desafiavam e até confundiam o olhar, tamanho o domínio das técnicas de profundidade e perspectiva adotadas por eles. Havia a valorização da delicadeza e dos detalhes, representando fielmente a realidade.

Depois houve a arte paleocristã que, devido à perseguição religiosa, aconteceu nas catacumbas romanas, que eram os pontos de refúgio e culto dos cristãos. Posteriormente integraram-se cenas do Antigo e Novo Testamento, porém de uma maneira que apenas os cristãos pudessem compreender, além de cenas cotidianas do homem comum.

2.7 Arte Bizantina

Foi a que iniciou após os cristãos receberem sua liberdade e proteção pelo Imperador Romano Constantino. Era uma arte puramente cristã que representava cenas da vida de Cristo no intuito de educar religiosamente por meio da linguagem imagética, mais simples de entender, o povo leigo. Tempo depois, incorporou uma

misticidade, preocupando-se em representar mais o espírito do que o material.

2.8 Idade Média

Surgiu após a queda do Império Romano, também conhecida como Idade das Trevas. Nessa época houve uma mistura dos estilos anteriores, surgindo assim o estilo românico, que buscava doutrinar os fiéis sobre os dogmas das igrejas, sendo a arte considerada para os analfabetos o mesmo que a escrita é para os alfabetizados.

Giotto di Bondone (1266 – 1337) é um dos pintores que se destaca, sendo responsável pela difusão da ilusão de perspectiva em suas pinturas, pois até então a arte descrevia os fatos como em uma narrativa, ao passo que o uso da perspectiva causou a impressão de os fatos estarem acontecendo naquele momento em que é visualizada.

2.9 Renascimento

Nesse período houve certo abandono da pintura mural da maneira que era usualmente executada. Mas pode-se dizer que o apogeu técnico da pintura mural se deu no Renascimento, por meio da técnica do afresco, executada com pigmentos aplicados diretamente sobre a argamassa ainda fresca. Consagrado na História da Arte como “mural nobre”, o afresco é assim chamado devido à grande exigência de da técnica e dos materiais por parte do artista. Quanto ao estilo, naturalista, caracterizava-se pela precisão e observação para obter uma representação mais fiel da realidade. Também se estudou a inserção da perspectiva nas imagens através do uso do claro-escuro. O período é marcado pela liberdade e individualismo.

Dentre os artistas que se destacam nesta fase estão Michelangelo Buonarroti, autor do afresco do teto da Capela Sistina, no Vaticano, e Leonardo da Vinci, autor do afresco *A Última Ceia*, encontrado no convento de *Santa Maria delle Grazie*, em Milão. (NOBRE, 2011)



Figura 1. Teto da Capela Sistina.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teto_da_Capela_Sistina#/media/File:Vatican-ChapelleSixtine-Plafond.jpg

2.10 Maneirismo

Este estilo de pintura é marcado por diferentes pontos de vista em uma mesma cena, porém sem obedecer a uma hierarquia no que diz respeito às figuras. Muitas vezes os elementos secundários são privilegiados.

2.11 Barroco

Originou-se na Itália no final do século XVI e difundiu-se por outros países cristãos, o que levou a diferentes características em cada local. O Barroco Europeu refletia o domínio da emoção sobre a razão e a forte influência da Igreja sobre todos os âmbitos da sociedade. Desenvolveu-se primeiro nas artes visuais, mas por conta de sua expressividade e movimento característicos, acabou ecoando, posteriormente na música e no teatro. Apesar de compartilharem dos mesmos temas, diferencia-se do Renascimento por aplicar maior dinamismo, contraste, drama, realismo e exuberância, obtendo um caráter decorativo e fazendo um apelo às emoções (NOBRE, 2011).

2.12 Neoclássico

É uma resposta aos ideais Barrocos, pois tem como base o racionalismo, o aperfeiçoamento e o combate às superstições e dogmas religiosos, promovendo o resgate da arte clássica pura e antropocentrista.

2.13 Romantismo

Movimento artístico, político e filosófico que focalizava o indivíduo como centro do mundo. A arte parietal foi retomada por um grupo chamado Nazarenos, que buscava uma arte mais voltada aos valores espirituais.

O objetivo dos Nazarenos era o de restaurar uma unidade que eles acreditavam que, com o tempo, havia sido perdida. Para tanto, buscavam reconciliar a verdade (ou a fé) e a arte, ideia e experiência, sujeito e objeto, Antigo e Novo Testamento, comunidade e indivíduo, por meio de um resgate das origens culturais alemãs, suas linguagens e temas populares. (GOSSMAN, 2003 *apud* NOBRE, 2011, p. 36) Esses artistas acreditavam que a conversão ao cristianismo, além da mudança do indivíduo e da cultura, abriria caminho para um novo começo, começo esse que para eles era um resgate do passado. Com o tempo perdeu o caráter decorativo e deu lugar a questões ligadas ao social.

2.14 Muralismo Mexicano

Foi o ponto mais forte de retorno da arte muralista, onde a pintura foi usada como instrumento político e de persuasão social. A pintura mural era usada como uma forma de ensinar a população analfabeta do campo sobre a história do seu país de modo a incitá-los a desenvolver um senso de patriotismo, que mais tarde tornou-se uma força na Revolução Mexicana.

O muralismo foi utilizado para representar a importância das classes menos favorecidas no intento de construir uma nova identidade para o país, uma que não negasse o passado, mas que fizesse integrar. O muralismo foi escolhido para essa função por ser uma arte exposta a todos, acessível, que não se encontrasse dentro de uma galeria ou museu.

Diego Rivera (1186-1957) foi um dos grandes nomes do muralismo mexicano, defendendo a arte como um instrumento revolucionário e não-opressor.



Figura 2. Homem, o controlador do Universo. Diego Rivera.

Fonte: https://es.wikipedia.org/wiki/El_hombre_controlador_del_universo#/media/File:Libro_Los_Viejos_Abuelos_Foto_68.png

2.15 Graffiti

Desde muito tempo a pintura mural tem sido usada como uma ferramenta para manifestações políticas e sociais, disseminando assuntos de relevância para a sociedade. Nesse contexto surge o *Graffiti*, uma manifestação de arte que se encaixa na categoria de arte mural que remonta aos antigos romanos, que escreviam manifestações nas paredes de suas construções com carvão. (BRASIL, 2011 *apud* NOBRE, 2011) Essa manifestação artística foi incluída na cultura *hip hop*, disseminando mensagens políticas, sociais e contra a violência. A palavra italiana *graffiti* é o plural de *graffito*, que remete a desenhos realizados de maneira rude. O *grafitti* ou até mesmo a forma abreviada e também correta “grafite” é descendente direto do muralismo moderno e da cultura pop, de onde herdou recursos como máscaras, o *stencil* e os *stickers*.

O Muro de Berlim, no lado ocidental, também foi palco de manifestações com grafite. No Brasil, essa corrente artística veio para democratizar a arte, antes restrita aos museus e coleções particulares, e difundir um conhecimento geral para a população sobre essa linguagem.



Figura 3. Grafite de cunho político no muro de Berlim.

Disponível em: http://tapanacara.com.br/blog/2009/11/arte_graffiti_no_muro_de_berli.html

2.16 No Brasil

No Brasil a pintura parietal teve grande desenvolvimento ao ser utilizada em residências do período colonial. Era uma tentativa de buscar de uma identificação com a cultura europeia, para que demonstrassem o status e a individualidade dos nobres fazendeiros.

Há muitos exemplares de pinturas murais de grande importância, como na Fazenda Rialto, na Paraíba, que remontam ao primeiro ciclo do café, cujas paredes construídas possuem representações de paisagens locais, fauna e flora regionais, símbolos de progresso do Segundo Império, como ferrovias, aquedutos e pontes. Somente estas imagens já são grandes motivos para haver um estudo e preservação das mesmas. (TIRELLO, 2005)

O principal artista desta técnica é Portinari, que trabalha com a temática social e com a deformação expressiva.

3 | O PATRIMÔNIO

Patrimônio cultural, segundo Ghirardello e Spisso (2008, p. 13) “é o conjunto de bens, de natureza material e/ou imaterial, que guarda em si referências à identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos sociais”. O patrimônio histórico e cultural das cidades representa a historicidade com a qual o cidadão pode se identificar e se reconhecer como membro da comunidade, pois patrimônio são lugares e temporalidades de recordação que servem para compor uma memória coletiva e um senso de pertencimento, levando a uma ligação entre o cidadão e suas raízes. Esse preservar da memória não está ligado apenas à conservação de relíquias antigas ou edificações, mas também à preservação de toda uma história, todo um caminho percorrido pela sociedade, desde seus tempos mais remotos até aos dias de hoje. (TOMAZ, 2010) Desse modo, a preservação auxilia na compreensão da identidade e desenvolvimento cultural de todas as sociedades.

As obras de pintura parietal se enquadram dentro dos bens materiais, possuindo valores culturais, históricos e artísticos, enquanto que a técnica da pintura mural é considerada um bem imaterial, pois é um modo de fazer, uma técnica, sendo intangível. A preservação desses bens é uma manutenção do estado físico do bem no estado em que o mesmo se encontra, de maneira a desacelerar a sua degradação, prolongando sua existência. (GHIRARDELLO E SPISSO, 2008)

As obras murais no Brasil não obtiveram o grau de importância necessário na época em que foram realizadas para que houvesse a noção de que sua salvaguarda é de extrema importância para o conhecimento histórico tanto da técnica empregada como do povo referente à época. Devido a esse descaso, a maior parte das obras murais, principalmente as encontradas em fazendas, estão em estado de degradação máximo, ou seja, ruínas. A ruína remete à ideia de fratura, destruição e, em consequência, da mais completa interrupção da integridade imagística de qualquer estado originário de um objeto, sendo que nas telas murais a ruína se representa por grandes lacunas e interrupções das imagens, fragmentando a obra. (TIRELLO, 2005) No caso de ruínas, a única intervenção possível é a consolidação do que resta, auxiliando para que a obra restante não seja ainda mais degradada, pois o restauro de uma obra de arte só é possível quando a obra ainda possui uma unidade potencial, e necessita de conhecimento sobre a técnica e materiais empregados para que não haja falso histórico, o que poderia comprometer a autenticidade da obra. É importante lembrar que não somente a pintura em si deve ser preservada, como também o entorno que constitui o conjunto, sendo de vital interesse manter intactas as paredes que levam em sua superfície a pintura.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

As obras parietais são de suma importância para o conhecimento da história da humanidade, pois antes de surgir a escrita, o homem se comunicava através de grafismos e imagens, sendo assim estruturada também como uma forma de linguagem. Além de dotarem um valor histórico, também são testemunhos do modo de vida, dos afazeres, dos costumes e ideias da época a que se referem, tornando-se assim um documento histórico.

Referente à Antiguidade, apesar de não se conhecer o código social dos autores das pinturas que possibilitariam o completo entendimento dessas obras, ainda assim é possível compreender, com estudo, parte da história daqueles povos através da função que a pintura mural desenvolveu em determinada época.

Observando o desenvolvimento da pintura parietal ao longo do tempo é possível também observar o desenvolvimento e crescimento da própria humanidade. Na medida em que o muralismo e a sociedade evoluíam, também sua finalidade era transformada. Iniciando como uma forma de registro, a pintura teve influência na cultura e educação

dos povos, no poder, na economia, na ornamentação dos espaços e, hoje, a pintura além do caráter estético que envolve beleza, apreciação e técnica, possui um papel subjetivo na exposição de ideais e de opiniões, consistindo mais do que nunca, em uma estratégia gráfica de comunicação.

Cabe, por fim, analisar que a pintura é um canal que torna possível legitimar não só a história da arte como também a história de cada povo que a desenvolveu.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rodrigo Simas. **Arte rupestre**: conceitos introdutórios. Disponível em: <<http://www.do.ufgd.edu.br/rodrigoaguaiar/arterupestre.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

COITINHO, Manuela A. **Pintura mural**: da pré-história à contemporaneidade. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/coitinhom/pintura-mural-16380153>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

DAS paredes das cavernas aos muros grafitados. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/ClaudiaBr/arte-mural-do-rupestre-ao-grafite>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

GHIRARDELLO, Nilson *et al.* **Patrimônio histórico**: como e por que preservar. Disponível em: <http://patrimonio.ouropreto.mg.gov.br/uploads/portal_do_patrimonio_ouro_preto_2015/Patrimonio%20Historico-como%20e%20por%20que%20preservar.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2017.

GONDIM, Caline Galvão. **Pinturas rupestres**: a representação da imaginação do homem primitivo. Revista Temática, ano VIII, n. 04, abr. 2012. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2012/Abril/pinturas_rupestres_homem.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2017.

GUZZO, Ana Cristina Provin. **A importância do estudo do patrimônio histórico para o resgate da memória**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2512-8.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

HISTÓRIA da arte. Disponível em: <<http://historia-da-arte.info/arte-na-pre-historia.html>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

NOBRE, Suzy Margaret Damasceno. **Arte revolucionária**: a função social da pintura mural. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade de Brasília, Itapetininga.

PEREIRA, Thiago. **Panorama da arte rupestre brasileira**: o debate interdisciplinar. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2016%20-%20artigo%202.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

PINTURA mural. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/RaphaelLanzillotte/pintura-mural-35028481>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

RESTAURO de pintura mural. Disponível em: <<http://identidadesdopatrimonio.blogspot.com.br/2011/09/restauro-de-pintura-mural.html>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio**: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2017.

SANTOS, Vivian Palma Braga dos. **A preservação do patrimônio artístico**: um percurso pelos bens móveis tombados do Modernismo brasileiro. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/patrimonio>. Acesso em: 30 abr. 2017.

TIRELLO, Regina A. **O caso da destruição das pinturas murais da sede da Fazenda Rialto – Bananal**. Anais do Museu Paulista, v. 13, n. 2, jul/dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000200010>. Acesso em: 30 abr. 2017.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. Fenix Revista de História e Estudos Culturais, v. 7, ano VII, n. 2, maio/junho/julho/agosto 2010. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_8_PAULO_CESAR_TOMAZ_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2017.

VIANA, Verônica *et al.* **Arte rupestre**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VERBETE%20ARTE%20RUPESTRE%20-%20pronto%20pdf.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

WILHELM, Vera Regina Barbuy. **A arte mural e a prática da preservação**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-38-3

